



## ***A EDUCAÇÃO DECOLONIAL E AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICs): Ressignificando saberes a partir da literatura negra nas escolas***

Natanael Vieira<sup>1</sup>, Vinicius de Oliveira Cavalcante<sup>2</sup>



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p05-23>

Artigo recebido em 01 de Junho e publicado em 01 de Julho de 2025

### **REVISÃO DE LITERATURA**

#### **RESUMO**

A presente pesquisa parte de uma intersecção entre a educação decolonial, tecnologias digitais e a literatura negra, enfatizando de modo relevante a sua importância no contexto educacional contemporâneo. Assim, parte-se de uma ratificação que o espaço escolar ainda reproduz algumas práticas eurocentradas que caminham pelo silenciamento de vozes negras e periféricas, traçando uma ideia de ressignificação do processo de ensino e aprendizagem. Deste modo, o objetivo principal deste trabalho foi investigar como a integração das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) com abordagens da literatura negra podem contribuir para as práticas pedagógicas inclusivas e socialmente engajadas. Nessa conformidade, a metodologia utilizada partiu-se pelos caminhos bibliográficos, baseados em autores recentes que discutem a temática sobre decolonialidade, TICs e educação antirracista, sendo os principais: Bento (2020); Costa (2020); Lima (2023) e outros. Com isso, os resultados atravessam ao entendimento de que a presença das TICs no ambiente escolar surge como uma potencialização em torno da circulação das narrativas negras, estimulando o protagonismo dos estudantes e promovendo uma educação representativa e crítica. Além disso, foi possível constatar que a união das tecnologias e literatura negra traz como possibilidade uma ruptura em torno do currículo hegemônico, favorecendo aos alunos a se reconhecerem dentro das respectivas narrativas negras. Por fim, conclui-se que a educação decolonial, ao ser integrado com as TICs e a literatura negra, prolifera a transformação da escola em um espaço de resistência e ressignificação identitária, contribuindo para a formação de alunos conscientes e comprometidos com a justiça social.

**Palavras-chave:** Educação decolonial; TICs; Literatura negra.



## **DECOLONIAL EDUCATION AND INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES (ICTs): Redefining knowledge based on black literature in schools**

### **ABSTRACT**

This research is based on an intersection between decolonial education, digital technologies, and black literature, emphasizing their importance in the contemporary educational context. Thus, it starts from a ratification that the school space still reproduces some Eurocentric practices that lead to the silencing of black and peripheral voices, outlining an idea of resignification of the teaching and learning process. Thus, the main objective of this work was to investigate how the integration of Information and Communication Technologies (ICTs) with approaches to black literature can contribute to inclusive and socially engaged pedagogical practices. Accordingly, the methodology used was based on bibliographic paths, based on recent authors who discuss the theme of decoloniality, ICTs, and anti-racist education, the main ones being: Bento (2020); Costa (2020); Lima (2023) and others. Thus, the results support the understanding that the presence of ICTs in the school environment emerges as a potentialization around the circulation of black narratives, stimulating the protagonism of students and promoting a representative and critical education. Furthermore, it was possible to verify that the union of technologies and black literature brings as a possibility a rupture around the hegemonic curriculum, favoring students to recognize themselves within their respective black narratives. Finally, it is concluded that decolonial education, when integrated with ICTs and black literature, proliferates the transformation of the school into a space of resistance and identity resignification, contributing to the formation of students who are aware and committed to social justice.

**Keywords:** Decolonial education; ICTs; Black literature.

**Instituição afiliada** – Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

**Autor correspondente:** Natanael Vieira [profnatanaelvieira@gmail.com](mailto:profnatanaelvieira@gmail.com)

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





## **INTRODUÇÃO**

Ao pensar sobre o meio educacional, é notório observar as profundas transformações impulsionadas pela crescente inserção das tecnologias digitais no cotidiano escolar. Assim, reflete-se que essa realidade urgente e necessária, caminha por uma demanda de revisão em torno das metodologias e abordagens pedagógicas com a finalidade de responder de forma crítica e assertiva às diversas demandas da contemporaneidade.

Diante dessas conjunturas, pode-se pontuar que em um cenário marcado por extremas desigualdades sociais, e, principalmente, raciais, é relevante enfatizar que a educação não só incorpore os aspectos dos recursos tecnológicos, mas que os utilize para potencializar a inclusão e a valorização da diversidade. Assim, a literatura vincula-se como um fator potencial como aspecto de mediação cultural e formação cidadã, especialmente quando envereda por narrativas negras e decoloniais que desafiam os modelos tradicionais de ensino.

Nesse contexto, o fator da literatura negra, estudos decoloniais e a produção literária contemporânea e marginal não apenas entram numa significância de denúncias frente às opressões históricas, mas também trazem reivindicações de espaços de visibilidades, resistências e pertencimentos. Os presentes campos de conceitos mencionados vislumbram uma ideia que intersecciona-se entre a tecnologia e a educação que propõem construir novos paradigmas pedagógicos que possibilitam a ruptura diante da colonialidade do saber.

Em conformidade, frisa-se que a presença de vozes inseridas em um aspecto histórico e de silenciamento como a de Carolina Maria de Jesus, grande escritora negra brasileira, onde encontrou a escrita como maneira de falar sobre a suas dores vividas na Favela do Canindê, ela traz como oferecimento múltiplos diálogos entre as práticas educativas transformadoras e as experiências vividas, tudo isso é evidenciado na obra Quarto de Despejo: diário de uma favelada.

A partir das noções contextualizadas, o presente artigo tem como objetivo de modo geral, investigar como a integração das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e as abordagens críticas da literatura marginal, negra ou decolonial



podem contribuir para às práticas pedagógicas mais inclusivas e engajadas socialmente. Além disso, busca-se identificar as estratégias didáticas que utilizam a diversidade de recursos digitais com o objetivo de promover a leitura, análise crítica e a valorização de produções literárias com o compromisso da justiça social e reconhecimento das identidades plurais no cotidiano escolar. Nesse meio, o problema da pesquisa busca responder como as Tecnologias da Informação e Comunicação podem influenciar para o debate sobre literatura negra em sala de aula em um viés de uma educação decolonial?

Nesse aspecto, a justificativa para a escolha da presente temática caminha pela urgência de repensar as práticas educativas atreladas à contextualização em torno da desigualdade estrutural. Assim, pondera-se dizer que ao utilizar a literatura negra ligada aos projetos educativos mediados pelas tecnologias, há busca em torno de criar novos caminhos em prol do fortalecimento do protagonismo estudantil e da educação comprometida com os ideais da equidade e direitos humanos.

Nesse meio, a pesquisa aqui enfatizada de caráter social contribui com a ideia de fortalecer as práticas pedagógicas antirracistas e principalmente para fortalecer a superação de estigmas que estão inseridos no ambiente escolar.

## **METODOLOGIA**

Para buscar melhores resultados, optou-se por uma revisão bibliográfica de carácter qualitativo com foco nas análises de publicações de autores que trazem como discussão em torno dos fundamentos da literatura, decolonialidade, TIC na educação e metodologias críticas. Nesse ínterim, os principais teóricos usados foram: Quijano (2005), Buzan (2012), Ferreira (2020), Rocha (2021) e outros.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **O ENTRELAÇAR DA LITERATURA NEGRA E AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICs) NA CONTEMPORANEIDADE**

Ao adentrar em torno das discussões contemporâneas, constata-se um grande avanço das tecnologias digitais como ferramenta estrutural no processo educacional,



ou até mesmo, melhor dizendo, dinâmica do ensino e aprendizagem. Diante disso, o vislumbrar do ideal tecnológico entra-se numa dinâmica de não apenas ampliar o acesso a saberes historicamente marginalizados, focalizando assim a literatura negra.

Mediante a este respingar reflexivo, Silva (2021, p.88) permite-nos entender que “[...] as TICs, quando articuladas a conteúdos que valorizam a diversidade, tornam-se agentes de mudança social no espaço escolar”. Tal pensamento reforça de modo crucial a importância das Tecnologias de Informação e Comunicação como recursos educacionais, permitindo o entender de que quando bem utilizados, ampliam de forma essencial as possibilidades de inclusão e reconhecimento cultural.

Ao refletir sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especificamente sobre a Competência 5 que discute a temática da Cultura Digital no meio educacional, percebe-se a relevância de alicerçar as Tecnologias de Informação e Comunicação (TDIC) em contextos dinâmicos de aprendizagens. Nisso, a literatura negra digital constitui numa possibilidade fértil para a inserção em espaços que outrora era negligenciados. Diante disso, Bernardino (2021, p. 61) destaca que “[...] as redes digitais transformaram-se em palcos de resistência para escritores negros que foram sistematicamente apagados pelo mercado editorial tradicional”.

Através dessa ideia, enfatiza-se que a integração da tecnologia frente aos espaços de produção cultural e educação formal, ampliam de modo coerente o escopo do conteúdo programático e une a uma ideia de descentralização do conhecimento, unindo a saberes periféricos e não hegemônicos. De tal modo, isso se trata de uma estratégia com a funcionalidade de construir um ensino democrático e conectado às diversas realidades estudantis. Pois, “[...] quando o estudante negro se depara com narrativas que o representam em plataformas digitais, o impacto vai além da leitura; trata-se de um processo de afirmação existencial que desafia séculos de invisibilização” (Xavier, 2022, p. 85).

Igualmente, é importante pontuar que a escola enquanto instituição deve ter o comprometimento com as práticas de letramento racial crítico, fazendo uso das tecnologias como intermediação das discussões sobre os autores negros contemporâneos que problematizam os temas de racismo, identidade e ancestralidade. Nesta base, sabe-se que “[...] as ferramentas digitais, quando aliadas à literatura afrodescendente, tornam-se potentes mediadoras pedagógicas da



consciência crítica” (Matos, 2020, p. 98).

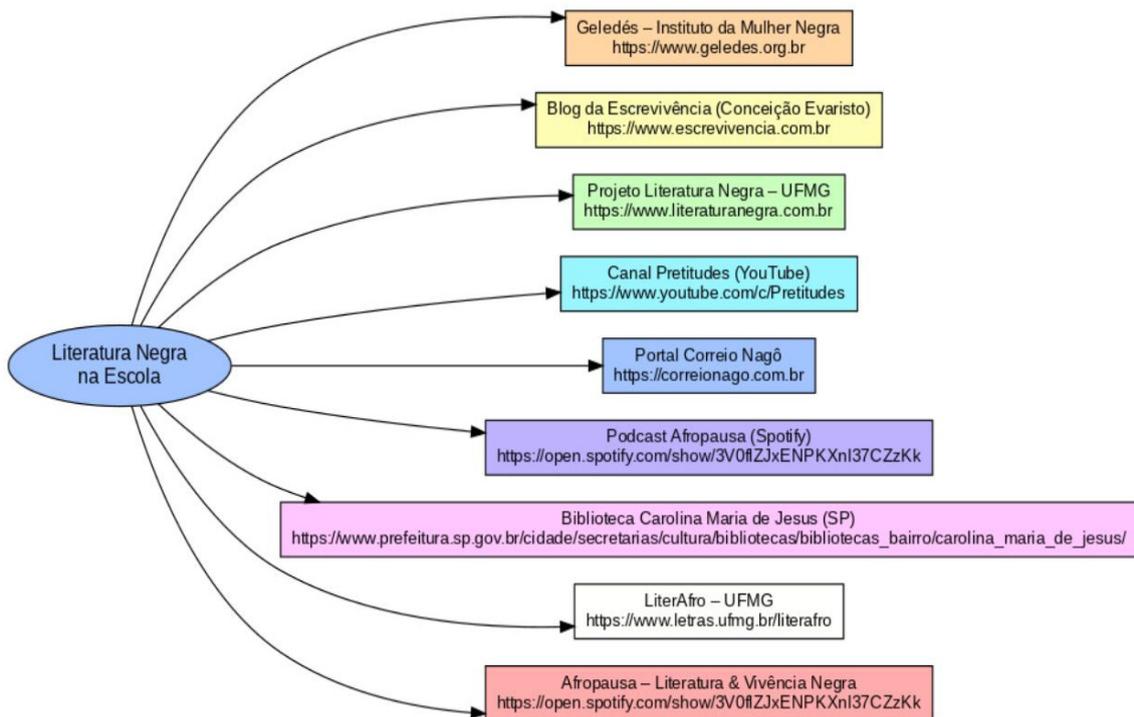
Ao inserir a tecnologia aos estudos da literatura negra, além de estar usando o que consta na BNCC, automaticamente é incorporado a uma proposta curricular inovadora com a intencionalidade antirracista. Nesse aspecto, Lima (2021, p. 112) pontua que “[...] trazer autores negros para o centro do currículo digital é um posicionamento político que visa não apenas incluir, mas transformar”. Diante disso, Ferreira (2020, p. 67) diz que:

A interface entre literatura negra e TICs inaugura uma nova estética educacional, onde o corpo negro não é mais objeto de estudo, mas sujeito criador de saberes, imagens e narrativas que rompem com os paradigmas da inferiorização (Ferreira, 2020, p. 67).

Mediante ao exposto por Ferreira (2020), é viável dizer que esse novo ideal de debater sobre a literatura negra é uma perspectiva que desconstrói a percepção de que o aluno negro é apenas um receptor, e enfatizar sobre a sua centralidade e protagonismo no processo de aprendizagem.

Em consonância, apresenta-se um mapa mental de indicações de materiais que podem ser trabalhados em sala de aula (figura 1) unindo as tecnologias e os debates em torno da Literatura negra. A escolha por esse tipo de material insere-se no entendimento que “[...] o mapa mental é uma poderosa ferramenta de aprendizagem visual que permite ao cérebro fazer conexões e associações de forma mais eficaz” (Buzan, 2012, p. 45). Desta forma, além de mostrar sobre os conteúdos debatidos, a elaboração do mapa mental deu-se através do *software* Canva.

**Figura 1** – Mapa mental sobre as indicações de materiais que podem ser utilizadas em sala de aula para debater sobre a literatura negra.



Fonte: Autores (2025)

Nessa conformidade, o mapa mental acima apresenta indicações importantes que podem servir para um maior debate em sala de aula, onde ambas podem ser acessadas de forma *on-line*, deixando evidenciado que há como unir as TICs com a literatura negra.

A saber, o uso das tecnologias digitais trazem uma facilidade nas publicações de textos autorais pelos próprios alunos, assim como permitem que sejam criados projetos interativos com o objetivo de incentivar a escrita de crônicas, poesias e relatos de vida trazendo uma aproximação entre o estudante e sua autonomia epistemológica. Assim, Meireles (2023, p. 140) compreende que “[...] a introdução das produções negras no ensino, via plataformas digitais, contribui para reverter os efeitos do apagamento e construir uma memória educacional de resistência”.

Isso faz a dinamização entre a permissão do uso das TICs como fatores construtivos de espaços colaborativos de leitura e produção, onde o aspecto literário e a escrita de mulheres negras e homens negros ganham visibilidade e ocupam os ambientes digitais como protagonistas, não mais com narrativas secundárias e depreciativas. Diante disso, é importante pontuar que é “[...] nas redes digitais, autores negros encontram espaço para circulação de suas obras, antes restritas ao



meio acadêmico ou periférico” (Santos, 2019, p. 134). O que automaticamente valida como o digital contribui para a democratização dos saberes ancestrais.

Desse modo, as plataformas digitais, docentes e discentes são automaticamente inseridos em um espaço capaz de ter uma maior interação entre a literatura negra em um cenário ligado às formas multimodais, com a conexão entre a imagem, som e texto, caminhando por uma rica experiência estética e crítica. Nesse aspecto, urge a necessidade de entender que:

A inserção da literatura negra no contexto digital reconfigura os modos de ensinar e aprender, pois rompe com o cânone tradicional e insere outras vozes, muitas vezes invisibilizadas pelo currículo escolar. Esse processo é fundamental para que os estudantes negros e negras possam se reconhecer nas narrativas que consomem e produzem, promovendo um senso de pertencimento e resistência (Costa, 2020, p. 45).

Em conformidade com Costa (2020) observa-se que a tecnologia é um mecanismo favorável para o debate racial e principalmente como reconhecimento identitário através da literatura. Ao utilizar as tecnologias em contextos educacionais e promover o debate do que molda as narrativas de escritores negros terá uma maior aproximação entre o discente e a literatura negra, pois os fatores digitais estão inseridos de forma contextualizada na vida da maioria dos estudantes.

Nesse mesmo debate, vale dizer que “a literatura negra potencializada pelas mídias digitais estabelece pontes com os estudantes da periferia, pois dialoga com sua realidade e linguagem” (Freitas, 2022, p. 117). Assim, percebe-se a necessidade da promoção da representatividade e diálogo cultural no

ensino. Com base nisso, Pereira (2023) destaca que:

A articulação entre literatura negra e tecnologias digitais nas escolas pode ser vista como um gesto pedagógico de ruptura e reinvenção. Trata-se de oferecer aos estudantes não apenas conteúdo, mas condições de se verem como produtores de cultura e conhecimento. O digital não é um fim, mas uma ponte para o acesso ao que foi historicamente negado (Pereira, 2023, p. 78).

A partir da noção estabelecida por Pereira (2023), convém dizer que a tecnologia quando usada da forma correta impulsiona às diversas discussões em torno do conhecimento, sejam relacionados à literatura negra ou diferentes temas. Percebe-se também que há muito tempo os meios tecnológicos estão modificando os hábitos diários, se a tecnologia faz isso de forma automatizada, pode ser tratada como uma



ferramenta positiva de debates nas escolas.

As práticas de leitura mediadas pelas TICs têm revelado novas formas de interação com o texto literário. No caso da literatura negra, esse movimento tem permitido o resgate de memórias e trajetórias sociais que contribuem para a construção de uma identidade coletiva, fundamentada na resistência e na autoestima (Rocha, 2021, p. 151).

Somando com o pensamento de Rocha (2021) é essencial que a leitura passe por outros meios de assimilação e discussão, uma vez que atrelada às TICs promove uma maior interação entre os jovens leitores e a própria escrita fomentando ainda mais a compreensão em torno das discussões raciais.

Diante disso, é visível que ao unir as tecnologias e a literatura negra, torna-se uma ferramenta promotora de novos caminhos pedagógicos que dialogam com a realidade e prepara os estudantes para um viés de consciência social e cultural. Assim, as TICs é fundamental para as práticas pedagógicas decoloniais, pois, causa uma ruptura entre o saber eurocêntrico e abre novos espaços para as diversas vozes periféricas e silenciadas historicamente.

### **O pensamento decolonial em debate**

Ao pregar sobre atos decoloniais no espaço educacional, urge a questão de que a escola precisa está inserida em um espaço de debate em torno do enfrentamento à lógica colonial, principalmente ao se debruçar na questão da estrutura do currículo, as metodologias e as relações pedagógicas. Por isso compreende-se que:

A colonialidade do saber se manifesta quando a escola naturaliza autores, conteúdos e metodologias eurocentradas como únicas formas válidas de aprender e ensinar. Isso cria um currículo excludente, que não representa a maioria dos estudantes, especialmente os negros, indígenas e periféricos. A educação decolonial propõe um deslocamento desse centro de poder, inserindo vozes plurais no debate pedagógico (Bento, 2020, p. 57).

A partir da afirmativa de Bento (2020), convém afirmar que há tempos as escolas caminham por um tradicionalismo e que acabam por priorizar obras e transmissões de conhecimentos que excluem boa parte dos alunos. Tais ações colocam o alunado numa posição de rejeição, ou seja, ficam frente a conteúdos que eles não se sentem inseridos ou reconhecidos através das obras trabalhadas. Assim, é possível dizer que “a ausência de autores negros, indígenas e latino-americanos no



material didático é um dos reflexos da colonialidade que persiste no sistema educacional” (Santos, 2019, p. 63).

Sabe-se que a educação decolonial parte ao movimento de enfrentamento crítico que denuncia a permanência de estruturas coloniais enraizadas e estruturais no campo educacional. Assim, Walsh (2013, p.36) afirma que a decolonialidade propõe uma ruptura radical com essas formas hegemônicas, ao defender “[...] uma pedagogia que reconheça e valorize a diversidade epistêmica dos sujeitos historicamente invisibilizados”.

Nesse mesmo sentido, Quijano (2005) pontua que “[...] o controle do conhecimento e da subjetividade foi talvez a mais eficaz e duradoura forma de dominação colonial”. Assim, é possível dizer que esse controle se manifesta, principalmente, pela padronização dos conteúdos, negação da história negra e da desvalorização das culturais locais. Ainda com a contribuição de Walsh (2009) é informado que:

A educação moderna, desde suas origens coloniais, organizou-se em torno de um paradigma civilizatório que se fundamenta na negação do Outro. Esse Outro, muitas vezes indígena, negro, mestiço ou popular, foi historicamente excluído das narrativas oficiais, das práticas pedagógicas e das estruturas curriculares. O resultado disso é um sistema educacional que perpetua desigualdades e reforça o epistemicídio – a morte sistemática de outros conhecimentos Walsh (2009, p.43).

Diante disso, a ideia decolonial não visa apenas a inclusão de novos conteúdos, mas acima de tudo, promover uma ampla reestruturação nas formas de ensinar, aprender e pensar. Trata-se de romper esses paradigmas estruturais que ainda asseguram a colonialidade frente à assimilação de conhecimentos afrodiáspóricos. Nesse meio, Ribeiro (2017) diz que “[...] a escola precisa deixar de ser reprodutora de um saber eurocêntrico e passar a ser espaço de múltiplas epistemologias, onde o conhecimento de matriz africana, indígena e popular seja reconhecido como válido”. Por outro lado, compreende-se que:

O projeto de uma educação decolonial é, antes de tudo, um projeto ético, político e epistemológico. Ele implica reconhecer os efeitos históricos do colonialismo e suas permanências, propondo uma rearticulação das formas de conhecimento e de ser no mundo (Mignolo, 2011, p. 86).

Desse modo, a educação decolonial ancora-se numa ideia crítica, histórica e



estrutural que vem a debater como o conhecimento foi e ainda é produzido e legitimado no espaço escolar. Assim, ao inserir para debate os saberes invisibilizados, a educação colonial trava novas ideias de ressignificações na prática pedagógica.

Diante de tais fatores, é essencial lembrar que isso reforça a exclusão epistemológica estrutural, sendo alicerçadas a uma ideia de amenização voltada as políticas curriculares afirmativas. Neste caso, pode-se afirmar que:

A educação decolonial deve ser compreendida como prática insurgente, capaz de tensionar as estruturas hegemônicas do saber. Mais do que incluir novos conteúdos, trata-se de reconfigurar o próprio processo de produção de conhecimento, valorizando narrativas que foram historicamente deslegitimadas (Oliveira, 2021, p. 90).

Nesse sentido, Oliveira (2021) traz como pensamento a necessidade de uma escola decolonial, onde há quebras ao tradicionalismo e às ideias impostas pelos colonizadores em evidências até nos dias atuais. Desse modo, implica dizer que a escola e o currículo precisam passar por uma descolonização, assim, mencionados por Lima (2023):

Descolonizar o currículo implica reconhecer que a neutralidade é uma forma de manter o status quo. A seleção de conteúdos, autores e enfoques nunca é isenta; ao contrário, reflete interesses sociais específicos. A pedagogia decolonial, portanto, propõe um currículo consciente, situado e comprometido com a justiça epistemológica (Lima, 2023, p. 73).

Nessa base defendida por Lima (2023), é evidente a necessidade de mais transformações no meio educacional, fazendo com que haja a quebra dos paradigmas estruturais e decoloniais, ainda inseridos nos espaços de aprendizagens. Neste contexto, destacam-se as TICs como fator metodológico para uma escola descolonizada.

### **Práticas pedagógicas interseccionadas com as TICs e a Literatura Negra**

Caminhando pela ideia de descolonizar os espaços de aprendizagens, compreende-se que a integração entre as tecnologias digitais e a literatura negra em torno das práticas pedagógicas possui como resultados uma educação plural e crítica, permitindo um maior diálogo entre os sujeitos contemporâneos a partir das suas identidades e vivências. Conforme Ribeiro (2022, p.58), “[...] a interseção entre TICs e literatura negra permite potencializar vozes silenciadas e ampliar os espaços de



escuta e criação na escola”.

Por outro lado, as tecnologias da informação e comunicação, quando utilizada de modo assertiva e crítica, há maiores possibilidades de acessos a produções literárias marginalizadas, trazendo um rompimento entre os domínios cânones eurocêntrico. Assim, “[...] o uso das TICs democratiza o acesso ao conhecimento, inclusive à literatura negra, antes restrita a espaços acadêmicos ou especializados” (Gomes, 2021, p. 37).

Com base nisso, autoras da literatura negra como Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Mariana Luz, Cristiane Sobral e Cidinha da Silva podem ser grandes nomes a serem debatidos e lidos em sala de aula como fonte de transformação no espaço escolar. Desta forma, constata-se que as suas obras promovem uma leitura crítica da sociedade, além de reafirmar a identidade negra e denunciar as diversas violências estruturais que atravessam os corpos racializados. Nesse sentido, Barbosa (2023, p. 107) diz que “[...] ler autores negros é educar para a cidadania e para o respeito às múltiplas formas de existir”.

Ademais, as autoras citadas contribuem de forma satisfatória para a construção de um currículo mais justo e representativo, buscando acolher as diversas narrativas da periferia, ancestralidade africana e das vivências negras contemporâneas. Isso torna-se evidente quando Santana (2022, p. 92) diz que “[...] a literatura negra oferece ao estudante uma pedagogia da pertença, rompendo com a lógica do apagamento e promovendo a visibilidade de sujeitos historicamente subalternizados”.

Nessa conformidade, é necessária a inserção de um quadro demonstrativo de como trabalhar a literatura em sala de aula em contextos digitais e educacionais. Dessa maneira, o mesmo pode ser uma referência de aplicabilidade aos interessados com essa temática.

**Quadro 1:** Aplicações pedagógicas da literatura de autoras negras com recursos digitais.

Obras de Autoras Negras	Recurso Digital a Ser Usado em Sala	Tipo de Atividade	Resultados Esperados
Quarto de Despejo – Carolina Maria de	Podcast e vídeos do YouTube.	Leitura dirigida + roda de conversa	Desenvolver consciência social,



Jesus.		virtual + criação de diário digital.	expressão escrita e oral; refletir sobre desigualdades e moradia.
Ponciá Vicêncio – Conceição Evaristo.	<i>Google Earth + Mapa digital interativo.</i>	Produção de mapas afetivos e análise de trajetórias de personagens.	Ampliar o repertório literário e geográfico; fortalecer empatia e identidade.
Negra Nua Crua – Mel Duarte.	TikTok + Canva.	Criação de vídeos poéticos e cartazes digitais com versos autorais.	Incentivar a criatividade, apropriação da linguagem poética e autoestima.
A pena e a lei – Elisa Lucinda.	<i>Padlet + Jamboard.</i>	Debate virtual sobre racismo estrutural + escrita de cartas abertas.	Desenvolver pensamento crítico e argumentação sobre justiça social.
Úrsula – Maria Firmina dos Reis.	<i>E-book + linha do tempo digital (KnightLab).</i>	Leitura compartilhada + construção de linha do tempo sobre autoras negras.	Conhecer pioneirismo de escritoras negras; entender a construção da memória literária.
Insubmissas lágrimas de mulheres – Conceição Evaristo.	<i>Audiobook + fórum online (Google Sala de Aula).</i>	Escuta ativa + fórum de debate sobre as múltiplas violências contra mulheres negras.	Estimular escuta sensível, empatia interseccional e produção reflexiva.

Fonte: autores (2025).

Diante do quadro 1, as indicações de como inserir a literatura negra em sala de aula é de muita relevância, uma vez que exemplifica algumas obras de escritoras negras importantes para a literatura brasileira, traçando o recurso digital que pode ser usado em sala de aula, o tipo de atividade e os resultados esperados. Tais definições tornam-se eficientes, uma vez que permitem auxiliar outros pesquisadores e professores a usar esses meios de modo que as TICs e a literatura negra façam parte do ensino e aprendizagem dos alunos.

Nesse meio, as TICs atreladas às mídias digitais podem ser agentes essenciais para a promoção da equidade cultural nas escolas e fora delas, assim como blogs, podcasts, e-books, audiolivros, plataformas de leitura colaborativa e diversas redes



sociais estão se demonstrando como ferramentas eficazes frente ao engajamento dos estudantes com as narrativas negras. Destarte, frisa-se que “[...] educar com TICs e literatura negra é construir pontes entre ancestralidade e contemporaneidade” (Lima, 2023). Assim,

A utilização de plataformas digitais na sala de aula, como YouTube, Wattpad ou Instagram, tem contribuído para o surgimento de novos autores negros e a circulação de suas produções. Estudantes se reconhecem nesses textos e, a partir disso, começam a produzir suas próprias narrativas, resgatando memórias familiares, tradições culturais e experiências periféricas. Trata-se de uma reinvenção da leitura e da escrita por meio das tecnologias (Fonseca, 2020, p. 91).

Mediante o exposto por Fonseca (2020), cabe pontuar que as utilizações das redes sociais e mídias quando planejadas com antecedência e de acordo com o seu público, há previsão de um melhor ensino e conseqüentemente uma aprendizagem eficiente, justamente por saber que essas novas tecnologias estão no convívio da maioria dos estudantes. Com essa ideia, Santos (2021, p. 104) afirma:

A pedagogia da performance, quando aliada às TICs, permite que os estudantes criem, editem e compartilhem suas produções a partir de vivências reais. Isso fortalece o protagonismo estudantil e insere a escola na lógica das mídias contemporâneas, sem perder o compromisso com a crítica social e a valorização da cultura negra.

Na contextualização de Santos (2021), observa-se que a pedagogia de performance entra numa discussão de grande relevância, uma vez que ela facilita com que os alunos tenham autonomia e uma familiaridade com o protagonismo individual e coletivo em torno das dinâmicas de aprendizagens atreladas com as TICs. Somado a isso,

A convergência entre acessibilidade digital e literatura negra amplia o direito à educação e ao reconhecimento das múltiplas identidades que compõem o ambiente escolar. Isso é um passo essencial para a construção de práticas pedagógicas verdadeiramente inclusivas e antirracistas (Oliveira, 2022, p. 116).

De acordo com Oliveira (2022), os aspectos digitais e as discussões em torno da literatura negra caminham por múltiplos entendimentos e meios metodológicos a serem inserida em sala de aula e, por isso tais ações são essenciais para o aperfeiçoamento de novas práticas pedagógicas.

As práticas pedagógicas que integram literatura negra e TICs devem partir



do território do aluno. Isso significa considerar seu contexto, sua linguagem e sua experiência como ponto de partida para a aprendizagem. Somente assim é possível transformar a escola em um espaço de resistência e emancipação (Ramos, 2019, p. 96).

Por fim, compreende-se que o uso das TICs no ensino da literatura negra ou dos aspectos raciais dentro da sala de aula, envereda por uma dinamização no ensino e principalmente uma quebra dos paradigmas tradicionais, sendo ferramentas essenciais para a promoção de uma educação decolonial.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa tratou-se de modo compreensivo sobre a urgência de uma educação focada na justiça social, tendo como pensamento a transcendência dos limites curriculares eurocentradas promovendo práticas pedagógicas inclusivas, críticas, e além de tudo, representativas. Assim, ao longo desta discussão, foi notório identificar como as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), quando alicerçadas à literatura negra, podem não apenas transformar o ambiente escolar em um espaço de resistência, mas também, um espaço de pertencimento e emancipação.

Assim, este trabalho permitiu conhecer as diversas reflexões teóricas existentes em torno do uso das TICs e a literatura negra, encontrando resultados primorosos no que tange as diversas tecnologias auxiliadoras no processo de ensino e aprendizagem voltada para a educação decolonial. Tal aspecto volta-se para um viés antirracista e desconstrói de forma relevante os paradigmas coloniais ainda existentes no meio educacional.

Diante disso, constatou-se que as TICs são ferramentas essenciais na democratização do conhecimento, trazendo novas possibilidades ao acesso das narrativas historicamente marginalizadas. Nessa conformidade, é através dessas tecnologias que autores negros se inserem numa posição de visibilidade, deixando as suas produções em evidência e circularem em espaços antes restritos, trazendo mais possibilidades dos estudantes encontrarem através dessas narrativas o autoconhecimento de suas identidades e valorização de suas origens culturais.

Desse modo, fica evidente que as práticas pedagógicas quando interseccionadas com as TICs e a literatura negra, mediante as discussões



estabelecidas nesta pesquisa, potencializam de modo relevante o protagonismo do alunado, caminhando pela ideia de que eles não sejam apenas receptores de conteúdo, mas produtores ativos de saberes. É com isso que será vista uma pedagogia de ensino e aprendizagem direcionada à escuta, diálogo e à reconstrução crítica do conhecimento.

Por outro lado, é importante frisar que a educação decolonial propõe uma quebra com os paradigmas hegemônicos e excludentes da escola tradicional que não enxerga o aluno como um ser múltiplo. Tal ideia de descolonização é uma proposta insurgente, sendo capaz de ressignificar e reconfigurar as estruturas do currículo e da atuação docente ao caminhar pela valorização das epistemologias silenciadas por séculos.

Outrossim, este estudo demonstrou que a integração entre tecnologia e literatura negra nas práticas do meio educacional, cria um novo cenário, desta vez pautado pela justiça epistêmica e valorização das diversas identidades existentes no meio escolar.

Portanto, a união entre as TICs, literatura negra e a pedagogia decolonial se insere não apenas como uma alternativa de ação metodológica, mas acima de tudo, como uma ferramenta social e política. Essa integração rompe com o tradicional e promove um novo ideal, uma educação verdadeiramente antirracista, inclusiva e transformadora. Assim, espera-se que esta pesquisa possa servir de inspirações para outros caminhos que cruzam com a literatura negra e TICs dentro do espaço escolar ou na universidade.

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, D. P. **Educação digital e reparação histórica**. Curitiba: Appris, 2022.

BARBOSA, E. L. **Leitura e identidade racial na escola pública**. São Paulo: Contexto, 2023.

BENTO, M. A. **A colonialidade do saber e a exclusão no currículo escolar**. São Paulo: Pólen, 2020.

BERNARDINO, R. C. **Escritores negros e o mercado digital**. Salvador: EDUFBA, 2021.



- CORRÊA, T. F. **Pedagogia decolonial e tecnologias**. Recife: UFPE, 2020.
- COSTA, A. C. da. **Educação, identidade e literatura negra**. Salvador: EDUFBA, 2020.
- FERREIRA, L. R. **Narrativas negras e estética digital**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- FONSECA, M. D. S. **Narrativas negras nas redes digitais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- FREITAS, L. R. **Literatura periférica e educação crítica**. Rio de Janeiro: Mauad, 2022.
- GOMES, N. L. **Educação e relações étnico-raciais: desafios e perspectivas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- LANDER, E. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- LIMA, M. A. **Currículo antirracista e formação docente**. São Paulo: Cortez, 2021.
- LIMA, T. O. O. **Currículo e justiça epistemológica: uma abordagem decolonial**. Recife: UFPE, 2023.
- MEIRELES, A. J. **Memórias negras na escola**. Porto Alegre: Zouk, 2023.
- MIGNOLO, W. **Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade**. Buenos Aires: CLACSO, 2008.
- MIGNOLO, W. Epistemologia do Sul e pensamento decolonial: desafios à universidade eurocentrada. *In*: SOUSA SANTOS,; MENESES. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 78-91.
- OLIVEIRA, S. D. S. **Pedagogia decolonial: rupturas e insurgências no ensino**. São Paulo: Cortez, 2021.
- OLIVEIRA, S. D. S. **Tecnologia e educação antirracista**. São Paulo: Cortez, 2022.
- PEREIRA, J. C. **Tecnologias digitais e identidade negra na escola**. Fortaleza: UFC, 2022.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.
- RAMOS, J. F. **A escola como território de resistência**. Campinas: Papirus, 2019.
- RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.



RIBEIRO, E. M. **TICs e representatividade negra na educação básica**. Fortaleza: UFC, 2022.

ROCHA, V. M. **Leitura, identidade e memória**. Brasília: MEC, 2021. Salvador: EDUFBA, 2023.

SANTANA, T. S. **Narrativas negras como instrumento de inclusão educacional**. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

SANTOS, J. C. D. **Educação digital e pedagogia da performance**. Rio de Janeiro: Pallas, 2021.

SANTOS, J. C. D. **Tecnologias e literatura afro-brasileira**. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

SILVA, H.; MATOS, R. A. **Letramento racial e tecnologias críticas**. Fortaleza: UFC, 2020.

SILVA, R. L. D. **Educação, diversidade e TICs**. São Paulo: Cortez, 2021.

WALSH, C. Interculturalidade e colonialidade do poder: um pensamento e posicionamento outro a partir da diferença colonial. *In*: WALSH, Catherine *et al.* **Educação contra a colonialidade do saber**: perspectivas pós-coloniais latino-americanas. São Paulo: Autêntica, 2009. p. 23-45.

XAVIER, L. R. **Representatividade negra na literatura digital**. Campinas: Papyrus, 2022